

“EFÍGIE QUE QUEIMA”¹: UMA ANÁLISE HISTÓRICA DE JOÃO SUASSUNA NA VIDA E OBRA DE ARIANO SUASSUNA

“EFFIGY THAT BURNS”: A HISTORICAL ANALYSIS OF JOÃO SUASSUNA IN THE LIFE AND WORK OF ARIANO SUASSUNA

Willians Alves da SILVA*

Fábio Leonardo Castelo Branco BRITO**

Resumo: O presente artigo pretende entender como a morte trágica de João Urbano Pessoa de Vasconcellos Suassuna se configurou como um acontecimento histórico e traumático responsável por moldar os comportamentos, as práticas, as defesas e vivências do paraibano Ariano Vilar Suassuna. João Suassuna, ex-governador da Paraíba, foi assassinado no dia 09 de outubro de 1930, em função do conturbado período de brigas no interior da oligarquia que comandava o Estado, durante o movimento armado chamado Revolução de 1930. Tendo visto no pai um político que viera ao mundo para “olhar os sertanejos esquecidos”, Ariano Suassuna herdaria do progenitor aspectos decisivos para a sua formação intelectual, como o gosto pela leitura dos clássicos, além da defesa assídua da cultura popular e tradicional. A morte de João Suassuna ainda irá definir muito da trajetória literária de Ariano, sendo rememorada de forma dolorosa e saudosa em grande parte de suas obras e discursos. Amparado em autores como Jeanne Marie Gagnebin (2006), Eduardo Dimitrov (2011) e Ana Maria César (2020); e contando com o “corpus documental” composto por entrevistas, discursos da Academia Brasileira de Letras (ABL) e fontes jornalísticas, o estudo tenta mostrar como o dramaturgo de Taperoá se torna marcado pelo assassinato do pai, transformando e ressignificando a experiência traumática ao demarcar historicamente uma defesa ferrenha pelas tradições.

Palavras-chave: História; Literatura; Ariano Suassuna; João Suassuna; Assassinato.

Abstract: This article aims to understand how the tragic death of João Urbano Pessoa de Vasconcellos Suassuna became a historical and traumatic event responsible for shaping the behavior, practices, defenses and experiences of Ariano Vilar Suassuna, a prominent playwright from the state of Paraíba, Brazil. João Suassuna, the former governor of Paraíba, was assassinated on October 9, 1930, as a result of the turbulent period of fighting within the oligarchy that ran the state, during the armed movement called *Revolução de 30*. Viewed by his son as a politician dedicated to advocating for the “forgotten *sertanejos*”, João Suassuna left a lasting legacy that profoundly influenced Ariano's intellectual development, including his passion for classical literature and his unwavering defense of popular and traditional culture. João Suassuna's death continued to resonate throughout Ariano's literary career, often recalled in a painful and nostalgic way in many of his works and speeches. Drawing on authors such as Jeanne Marie Gagnebin (2006), Eduardo Dimitrov (2011), Ana Maria César (2020), and relying on the documentary

¹ “*Efígie que queima*” é uma referência ao soneto de Ariano Suassuna chamado “*Fazenda Acauhan (lembranças de meu pai)*”. De acordo com o site Cultura FM, a ferida da ausência paterna jamais cicatrizou completamente a alma de Ariano. “Mesmo depois de chegar à velhice, Suassuna tinha muitas dificuldades até mesmo para simplesmente mencionar o assunto em entrevistas. Mas sua vertiginosa poesia concedeu-lhe, talvez, o alívio, e, na certa, a linguagem para falar dessa ferida”. Disponível em: <http://culturafm.cmais.com.br/radiometropolis/lavra/ariano-suassuna-fazenda-acahuan-lembrancas-de-meu-pai>. Acesso em: 13 dez. 2023.

*Doutorando em História pelo Programa de Pós-graduação em História do Brasil – PPGHB – Universidade Federal do Piauí. E-mail: williansalves@ufpi.edu.br. Orcid id: <https://orcid.org/0000-0001-9719-0872>.

**Doutor em História. Professor da Universidade Federal do Piauí – UFPI. E-mail: fabiroleobrito@hotmail.com. Orcid id: <https://orcid.org/0000-0002-3228-3696>.

corpus made up of interviews, speeches from the Brazilian Academy of Letters and journalistic sources, the study demonstrates how the playwright from Taperoá becomes marked by his father's murder, transforming and re-signifying the traumatic experience into a historical commitment to defending cultural traditions.

Keywords: History; Literature; Ariano Suassuna; João Suassuna; Murder.

Introdução: “Mas mataram meu pai. Desde esse dia eu me vi, como um cego sem meu guia”

*Aqui morava um rei quando eu menino
vestia ouro e castanho no gibão,
Pedra da Sorte sobre meu Destino,
pulsava junto ao meu, seu coração.
Para mim, o seu cantar era Divino,
quando ao som da viola e do bordão,
cantava com voz rouca, o Desatino,
o Sangue, o riso e as mortes do Sertão.
Mas mataram meu pai. Desde esse dia
eu me vi, como cego sem meu guia
que se foi para o Sol, transfigurado.
Sua efigie me queima. Eu sou a presa.
Ele, a brasa que impele ao Fogo acesa
espada de Ouro em pasto ensanguentado.*

Ariano Suassuna, Fazenda Acauhan (lembranças de meu pai)²

No ano de 2005, o dramaturgo paraibano Ariano Vilar Suassuna abriu as portas da sua casa armorial, construída em 1870, à *Revista Preá*: “vestido de camisa e calça de linho branco [...] Ariano começou a conversa pelos jardins do casarão em que vive, desde 1959” (Preá Revista de Cultura, 2005, p. 67). O recinto possui um altar erguido no jardim, em frente à fachada de azulejos, homenageando as santas Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora Aparecida e Nossa Senhora da Assunção. De acordo com Gustavo Porpino e Racine Santos (2005), os azulejos azuis que cobrem a frente da casa de Ariano foram presentes do artista plástico Francisco Brennand. Ainda segundo os visitantes:

As esculturas em pedra das santas, criação de Arnaldo Barbosa, dividem espaço no jardim com as várias esculturas em barro feitas pela esposa Zélia Suassuna. O muro lateral da casa tem dois mosaicos feitos por Guilherme da Fonte. Outro painel no jardim guarda uma escultura que representa a sabedoria com a palavra “Sofia” gravada em grego. Entre os dois painéis, o das santas e o da sabedoria, Ariano fez um pequeno jardim florido com uma escultura de duas faces femininas ao centro. Cada face da escultura, feita por sua mulher, está voltada para um dos painéis (Preá Revista de Cultura, 2005, p. 67).

² O poema de Ariano Suassuna foi publicado com dois títulos distintos: “Fazenda Acauhan” (lembranças de meu pai) e “A Acauhan – A Malhada da Onça”.

Nota-se que cada detalhe do que compõe a flora do jardim de Ariano Suassuna, cada quadro ornamentando e disposto nas salas, as particularidades dos livros (seus e do pai João Suassuna) em sua biblioteca, ou até mesmo os painéis, pinturas e artes de estética popular, revelam detalhes íntimos sobre o *Monge dos Cariris*³; detalhes que preservam a sua própria identidade e a construção dos seus inegociáveis valores. Parece que o complexo *memória - objeto - significado*, composto pela arquitetura, disposição de objetos, tapeçaria, cerâmica, imagens sacras, junto com todo o espectro do seu templo armorial, promovem uma espécie de sentido vivo e pulsante ao mundo que Ariano Suassuna quis forjar e propagar. Seu castelo-fortificação – composto de alicerces mais ideológicos e culturais do que dos próprios blocos de concreto que o sustentam, escondendo seu *rei* das modernidades, das fibras tecnológicas e das confusões metálicas de guitarras elétricas – surge e urge como um exílio que oculta e salvaguarda o universo do “Quixote Nordestino”⁴. Nas palavras do próprio Ariano Suassuna, “uma fortaleza, um marco de resistência da cultura brasileira” (Suassuna, 2011, p. 05). Uma espécie de “refúgio povoado de lembranças carinhosas”. Observemos com mais atenção e cuidado.

Segundo a historiadora Laura de Mello e Souza (1982, p. 15-16), o historiador só pode trabalhar com documentos que existem, não devendo inventá-los, mas podendo reinventá-los, lê-los com novos olhos. Este mundo, criado e recriado inúmeras vezes pelo paraibano – bem ao gosto de seus valores e dos seus muitos sincretismos – revela-nos aspectos importantes da vida desse personagem dicotômico e polarizado. É dessa espécie de *bricolagem*, por exemplo, que nascerá, em 1970, o mosaico cultural fabricado pelo paraibano, chamado de Movimento Armorial.

Reflitamos: o que levou Ariano Suassuna a percorrer toda uma vida em busca de salvaguardar a cultura popular? O que poderia ter dado sentido à sua existência, por exemplo, após o episódio traumático que ceifara a vida do pai em 1930, quando o dramaturgo contava com apenas três anos de idade? Segundo o escritor Érico Veríssimo (Albuquerque Júnior, 2012, p. 14), tratando-se de entender aspectos da narrativa de sua própria vida, não se pode escrever um discurso de si mesmo sem contar uma história; “história que seria retificadora de outras versões, da verdade de si” (Albuquerque Júnior,

³ O epíteto foi retirado da matéria “A Sete Chaves”, do jornal *Correio Braziliense*: “No quarto de aspecto monacal, onde Ariano escreve mais de oito horas por dia, uma cama serve ao repouso ao Monge dos Cariris. [...] Ali ninguém mexe em nada” (Maior, 2011, p. 05).

⁴ Referência ao título da matéria “Ariano Suassuna: O Quixote Nordestino” (*Correio Braziliense*, 1976, p. 06).

2012, p. 14). Analisando também a biografia e a história, o historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior observa que Érico Veríssimo, à medida que escreve a sua autobiografia, descobre ter “vários *eus*”, incontáveis e inconfessáveis. Sobre o escritor gaúcho, o historiador pontua:

[Érico Veríssimo possui] Multiplicidade que é agravada pelo fato de ter sido, durante grande parte do tempo, um ficcionista, um romancista, um criador de personagens, um homem que precisava viver outras vidas, sentir, pensar e agir através de outros sujeitos. Em muitos deles, tendo podido realizar, quem sabe, muitos outros eus que o habitavam, mas que em si próprio foram proibidos de atua (Albuquerque Júnior, 2012, p. 14).

Para o autor de *A Invenção do Nordeste* (1999), apesar de Veríssimo ser múltiplo e de ter constatado quão fragmentária e errante fora sua vida, não deixara de encontrar, num gesto de apaziguamento final, um sentido que, alcançado na vida cotidiana, fora fruto do trabalho quase terapêutico do ato de escrever. Fora resultado material e espiritual da obra realizada, ganhando sentido através da busca da perda paterna (Albuquerque Júnior, 2012, p. 14). Um sentido para a vida cotidiana por meio de uma busca incessante daquilo que se perdeu, daquilo que se constituía como valor primário, fundamental. Assim, mesmo que para constatar específicas ausências, o pai serve como ponto de partida para muitas e particulares narrativas (Albuquerque Júnior, 2019, p. 249).

Aspectos de uma busca semelhante a essa, em que o nome do pai serve como ponto de origem e sentido a toda uma trajetória posterior da vida, podem ser observados na vida e na obra do escritor e dramaturgo Ariano Suassuna. Um episódio traumático foi responsável, de acordo com suas próprias palavras, por moldar muitos de seus comportamentos, de suas defesas contra o moderno, e de sua luta incessante a favor do popular. Muitas das camadas que envolveram o direcionamento de suas posições políticas e engajamentos culturais seguiram sob essa cicatriz violenta e profunda do passado; marcas que acabaram por ganhar novos impulsos e características quase impossíveis de se desvencilhar.

Presidente João Suassuna, Cavaleiro Sertanejo⁵

No dia 11 de outubro de 1930, sábado, o jornal *A Noite* exibiu uma carta que o deputado assassinado João Suassuna deixara à esposa. A matéria noticiava, conforme fora

⁵ O título faz referência a uma tentativa de biografia iniciada por Ariano Suassuna (Suassuna, 2000).

explicado em edição anterior do mesmo periódico, preparo à sepultura, no cemitério São João Baptista, do “parahybano Sr. João Suassuna, assassinado a bala, na rua Riachuelo, por Miguel Alves de Souza”.⁶ O homicida, àquela altura, já havia confessado o crime. Como já era de conhecimento geral, a vítima havia entregado ao seu amigo particular, o Dr. Drauth Ernani, uma carta confidencial para que se fizesse chegar às mãos de Rita Suassuna, esposa de João, que se encontrava com os filhos no Estado da Paraíba. Alguns trechos da carta podem ser observados abaixo:

[...] Rio, 8 de outubro de 1930.

– Ritinha: – Saudades infindas! [...].

Meu Deus, quanto horror, a ser verdade tudo o que nos consta de hontem para cá, e de que ainda não temos certeza! A tortura e morte trágica de João Dantas e Augusto Caldas, massacrados em plena rua, depois de martirizados, e queimados, depois de mortos! [...] As aflições mortaes por você, nossos queridos filhos, em Goyana! Ah, minha querida mulher, só Deus sabe como tenho sofrido moralmente nestes dias de incertezas e apprehensões terríveis, a par da injustiça de que sou victima e de que lhe quero dar, mais uma vez, testemunho sereno perante o Senhor de todas as coisas, para, se eu desaparecer também, e não nos virmos mais neste mundo de tristezas e dores pungentes, poder você assegurar os nossos adorados filhos que sou innocente na morte do presidente João Pessoa, della não tive nem conhecimento, nem podia mesmo desconfiar de que João Dantas pudesse mais praticá-la naquelle dia, uma vez que elle já me appareceu muito tarde, como lhe tenho dito, e eu supunha, pelos termos da noticia da “União”, que o presidente, a victima, àquella hora, já estivesse de regresso à Parahyba. [...] Não sei que destino nos esteja, final, reservado, nesta phase extrema e gravíssima da vida nacional; posso, também, desaparecer na voragem, sem vê-la mais, aos filhos, minha mãe, irmãos, cunhados, sobrinhos e amigos (A Noite, 1930, p. 02).

A carta-testamento traz à tona o prenúncio de uma grande tragédia que se abaterá sobre a família dos Suassuna. Envolvido em disputas políticas e particulares – e tendo como pano de fundo a Revolução de 1930 – João Suassuna, ex-presidente da Paraíba, acabará por ser assassinado com um tiro nas costas no dia 09 de outubro de 1930, sob exercício do mandato de Deputado Federal. Nas palavras do tribuno paraibano Alcides Carneiro, João Suassuna tombou mortalmente ferido, de revólver em punho: “A Revolução de 1930 – que não me arrependo de ter apoiado [...], nasceu maculada com o sangue de um inocente. Sangue Paraibano. Sangue Sertanejo [...]” (Coutinho, 2006, p. 08). Como observa Francelino Soares de Souza, em apresentação à obra *João Suassuna: um magistrado que governou a Paraíba*, “seria ingênuo, senão impossível, buscar e

⁶ Cf. Ainda o assassinato de João Suassuna. A carta que o deputado parahybano deixou à sua esposa. *A Noite*, ano XX, N. 6792, sábado, 11 de outubro de 1930, p. 02.

analisar-se o comportamento de um homem público, examinando-o fora do contexto de sua vivência” (Nunes, 2015, p. 11). Dessa forma, para que se possa compreender melhor como se deu o traumático evento do dia 09 de outubro de 1930, bem como as suas relações na vida e obra do escritor de *Auto da Compadecida*, é imprescindível que se perceba o paraibano João Suassuna nas tramas do seu próprio tempo.

João Urbano Pessoa de Vasconcellos Suassuna (nome de batismo) nasceu em um casarão no centro da Vila de Catolé do Rocha, na Paraíba, no dia 16 de janeiro de 1886. Filho do proprietário rural Alexandrino Felício Suassuna (1824-1906) e de Joanna Francisca Pessoa de Vasconcellos Suassuna (1852-1938), João Suassuna descendia de famílias pernambucanas: “Cavalcanti de Albuquerque e Pessoa de Vasconcelos. Pelo lado paterno era consanguíneo do Visconde de Suassuna; pelo lado materno, primo do pintor Pedro Américo” (Coutinho, 2006, p. 05). João passou a infância nas propriedades do seu genitor: a Marcelina e a Volta, na Paraíba; e a Fazenda Fortuna no Rio Grande do Norte, onde aprendeu a gostar e a lidar com a vida campestre.

Estudou na conceituada e tradicional Faculdade de Direito de Recife, onde se graduou como bacharel, em 1909.⁷ Iniciou sua carreira como advogado em Mossoró, no Rio Grande do Norte; depois, assumiu o posto de juiz nas cidades de Umbuzeiro e Campina Grande, ambas na Paraíba; foi também Procurador da Fazenda Nacional em seu estado natal. Com 27 anos, João Suassuna se casa com Rita de Cássia Villar Suassuna (ela possuindo 17 anos) e, em 1917, após período governamental de Castro Pinho (que esteve à frente do executivo paraibano entre 1912 e 1915), volta a ser juiz na cidade de Monteiro, na Paraíba. Foi nesta época que o paraibano adquiriu uma fazenda chamada “*Malhada da Onça*”, – o nome dessa propriedade estará sempre presente no imaginário de Ariano Suassuna, fazendo parte de suas iluminogravuras, pinturas, poemas e em muitas de suas obras de romance e teatro.

Em 1919, João Suassuna deixou a magistratura e foi trabalhar no antigo Instituto Federal de Obras Contra as Secas – IFOCS; durante esse tempo, adquiriu a famosa Fazenda *Acauhan*⁸, na época localizada na zona rural da cidade de Sousa. As memórias

⁷ Em 1900, João Suassuna fez os preparatórios em Mossoró, Rio Grande do Norte, no Colégio 7 de Setembro. Em 1905, seguiu para Recife, ingressando na Faculdade de Direito.

⁸ A Fazenda *Acauhan* é considerada uma das mais antigas do Nordeste brasileiro. A autorização para a sua exploração foi dada pela corte portuguesa à Casa da Torre, em 1757. O conjunto formado pela Capela da Imaculada Conceição, construída em estilo Barroco, sobrado, casa-grande e casarões é tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). *Acauhan* foi propriedade do então presidente da província da Paraíba, João Suassuna. Ariano viveu ali um pouco da sua infância, registrada

da fazenda *Acauhan*, tal como *A Malhada da Onça*, podem ser vistas em formato de versos, escritos por Ariano como oferenda de dor e saudades do pai. A palavra *Pai*, no entendimento de Ariano Suassuna, escreve-se com a letra inicial maiúscula, mesmo que não esteja em início de frase. O dramaturgo recriava uma nova estética para as palavras, conferindo-lhes nova importância: Povo, Rei, Noite, Sol, Onça. No caso do pai, como foi observado, a dor o levava também à poesia e aos versos.

Segundo observa Eduardo Dimitrov (2011, p. 53-54), Ariano Suassuna apresentava sempre o pai como um político que veio para fazer justiça, para olhar os sertanejos esquecidos. Reforça ainda a origem camponesa de João Suassuna e sua integridade: “ele não esqueceria sua terra se pudesse ajudá-la”. Assim, o pai Suassuna representa o campo e a “pureza”, a despeito de sua situação financeira privilegiada (Dimitrov, 2011, p. 54). Ana Maria César (2020, p. 40) destaca que João Suassuna licenciou-se em magistratura, em 1919, para trabalhar no grande projeto idealizado por Epiácio Pessoa, em obras contra as secas. No ano seguinte, recebeu convite do presidente Solon de Lucena para assumir a Inspeção do Tesouro do Estado, que corresponde hoje à Secretaria das Finanças (César, 2020, p. 40). Estava no exercício do mandato parlamentar no Rio de Janeiro, então Capital Federal, quando foi eleito “Presidente da Parahyba”, o que corresponde hoje ao cargo de governador. Em artigo para o *Jornal da Semana*, em 20 de outubro de 1973, Ariano exemplificava a posição intermediária em que o pai vivia:

Quando meu pai assumiu o governo da Paraíba em 1924, um dos problemas que mais o afligiram foi o comportamento de seus irmãos. [...] Estes não entendiam nunca - nem podiam entender que, tendo um deles subido ao Poder, repudiasse os códigos sertanejos em nome de outras éticas, para eles absolutamente estranhas e absurdas. Houve casos verdadeiramente trágicos, nos quais, inclusive, irmãos de Suassuna se consideraram traídos por ele: foi o que aconteceu, por exemplo, com meu tio Cristiano, que teve a casa cercada pela Polícia, que lá ia, a mando de seu irmão e meu Pai, João Suassuna, a fim de prender um cabra que tinha cometido não sei quantas mortes. Meu tio Dantas contava-me sempre da consternação com que meu Pai ouviu, de cabeça baixa, o carão que seu irmão Anacleto, mais velho do que ele, dava no Presidente do Estado, por ter, daquele modo, consentido "no insulto" ao outro irmão, Cristiano, também mais velho (Jornal da Semana, 1973).

De acordo ainda com Dimitrov (2011), João Suassuna pendulava entre as lógicas familiar e jurista universitária. Como governador, sua principal medida foi a de extinguir

em suas obras como parte das memórias da fazenda que ele considerava a “sua terra no sertão”. Essa referência pode ser vista no site: <https://agenciaeconordeste.com.br/fazenda-acaua-e-icone-da-reforma-agraria-no-nordeste/>. Acessado em: 15 dez. 2023.

o cangaço do Estado. Conforme explica Ariano, seu pai combateu fortemente diversos grupos de cangaceiros, inclusive o famoso grupo de Lampião, Corisco e Sabino Gório. Rostand Medeiros (2022) destaca que o mandato de João Suassuna se caracterizou largamente por uma valorização das ações desenvolvidas pelos grandes latifundiários de terras do interior, possuidores de grandes riquezas baseadas no cultivo do algodão e da pecuária. Tais coronéis atuavam através de uma estrutura política arcaica, “que se valia entre outras coisas do mandonismo, da utilização de grupo de jagunços armados, da conivência com grupos de cangaceiros e outras ações” (Medeiros, 2022). Foi, inclusive durante esse período, no palácio do governo da Paraíba, no dia 16 de junho de 1927, que nasceu Ariano Vilar Suassuna, um dos nove filhos do casal João Suassuna e Rita de Cássia Villar.

“Miguel atirou pelas costas”⁹: o assassinato de João Suassuna

Para Medeiros (2022), o advogado e presidente da Paraíba João Pessoa discordava da forma como o grupo político que o elegera conduzia a política do seu estado, surgindo inúmeras divergências com os latifundiários. Um dos maiores embates, por exemplo, estava na cobrança de taxas e exportação de algodão. Nessa época, os coronéis exportavam o produto principalmente através do porto de Recife, tendo várias perdas tributárias para a Paraíba. Procurando contornar tais dificuldades, João Pessoa implantou diversos postos de fiscalização nas fronteiras da Paraíba, irritando de tal forma os caudilhos que, pejorativamente, passaram a chamá-lo de “governador João Cancela”. Durante os conflitos da “Guerra da Princesa”, em julho de 1930, João Pessoa estava em Recife quando fora atingido por dois tiros desferidos pelo advogado paraibano João Duarte Dantas. Medeiros (2022) sublinha ainda que, após realizar uma viagem, João Dantas encontrou seu escritório na capital paraibana violado – o recinto guardava muitos poemas eróticos e fotografias sensuais. Como foi pontuado, tais materiais, que foram divulgados em locais públicos, teriam sido roubados por membros da polícia paraibana, sob ordens do então governador João Pessoa. Diante dessa afronta, “João Dantas foi à confeitaria vingar a sua privacidade violada”.

Por ser João Suassuna casado com uma prima de João Dantas, e ter sido eleito deputado federal com o apoio dos Dantas da cidade de Teixeira e do coronel José Pereira,

⁹ Referência à fala de Ariano Suassuna em uma entrevista concedida à *Cadernos de Literatura Brasileira*.

o pai de Ariano acabou se tornando alvo dos familiares e amigos do falecido João Pessoa. Em uma entrevista concedida para a nº 10 da *Cadernos*, Ariano Suassuna destacou sobre tais conexões:

João Dantas era primo da minha mãe e assassinou João Pessoa. Foi por causa da morte de João Pessoa que a família dele pensou em matar meu pai, acusado de ser o mandante. Foi só quando Germana me disse aquilo que eu me dei conta de que a morte do padrinho de Quaderna, **aquela morte impossível de ser cometida**, em quarto fechado, era a morte de João Dantas. Ele morreu aqui, na Detenção, que hoje é a Casa de Cultura. E, vejam vocês, eu vim visitá-lo com minha mãe no dia 3 de outubro de 1930, porque no dia 30 de setembro tinha morrido o pai dele. A gente estava refugiado aqui em Paulista. Mamãe foi comigo e com meu irmão João até a Casa de Detenção e lembro que fiquei impressionado com a altura das escadas e com o tamanho das chaves que abriram a cela. Eu lembro também que João Dantas estava de meia e chinelos, coisa que não se usava muito. Ele estava numa mesa jogando baralho. Vejam bem: era 3 de outubro, ia estourar a Revolução de 30; as tropas da Paraíba depuseram o governador, tomaram o poder e desceram para cá. Aqui, tomaram a cadeia e, na madrugada do dia 6, João Dantas foi encontrado com a garganta cortada, na cela do terceiro andar da Detenção. Até hoje a gente tem certeza de que ele foi assassinado e o outro lado diz que foi suicídio (Suassuna, 2000, p. 28, grifo nosso).

Consta que, no dia da morte do governador João Pessoa, a família Suassuna, que se encontrava na Paraíba em casa alugada, teve que se esconder, refugiando-se no 22º Batalhão de Caçadores. Sobre esse fato, Ariano Suassuna rememora:

[..] uma das lembranças que guardo do ano de 1930 é do dia em que tivemos de fugir da Paraíba, eu, minha mãe e meus oito irmãos, para escapar à perseguição implacável do governo e da multidão, açulada por policiais contra nós. Meu Pai estava fora do Estado, e foi Fernando Nóbrega que nos acompanhou até Natal. Depois da morte de meu Pai, foi ele o advogado que teve coragem de nos defender na Paraíba, num tempo em que isso importava em grande risco (Suassuna, 1973).

Foi só mediante o apoio do empresário Frederico João Lundgren que João Suassuna conseguiu trazer a sua família para uma casa mobiliada, em Paulista (PE). Depois, o deputado recebeu uma comunicação de que havia sido denunciado como cúmplice no assassinato de João Pessoa e teria que ir ao Rio de Janeiro para se defender na Câmara dos Deputados, chegando na Capital no dia 22 de outubro de 1930. João Suassuna começou, inclusive, a preparar um discurso que não chegou a ser lido na Câmara Federal, onde pretendia esclarecer tudo o que vinha acontecendo na Paraíba. O deputado procurava defender-se das acusações imputadas pela morte de João Pessoa (Nunes, 2015, p. 234) –

o discurso, disponibilizado pela esposa Rita Dantas Villar, é um documento importante para a história política da Paraíba.

Eclodia a Revolução de 1930. Conforme observa Moacyr Flores (2008, p. 586), a chamada República Velha (1889-1930), sem condições de resolver os problemas sociais e políticos da sociedade brasileira, transformada pela crescente urbanização, desmoronava com suas “carcomidas oligarquias”. Entre as principais causas da Revolução de 1930 estava o movimento dos tenentes, que expressavam diferentes correntes de pensamento, dividindo as Forças Armadas; os anarquistas que, por meio de greves, passeatas e jornais, discutiam os muitos aspectos das questões sociais; a classe média urbana, que, longe da influência dos grandes coronéis políticos, desejavam participar do governo através do voto secreto; e a crise de exportação de café (Flores, 2008, p. 586). O movimento de 1930 foi incorporado e sincronizado entre os Estados da Paraíba, Minas Gerais, Paraná e Rio Grande do Sul; durante o conflito, João Suassuna se colocou ao lado do presidente da época, Washington Luís. Enquanto o deputado paraibano habitava no quarto nº 63, do hotel Novo Hotel Belo Horizonte, no bairro da Lapa, seus pensamentos o dividiam entre a sua atividade parlamentar e a procura por notícias da família.

Conforme observa Rostand Medeiros (2022), João Suassuna tinha o hábito de sempre descer o hall principal para ler os jornais ainda pela manhã. Em uma quinta-feira, 09 de outubro de 1930, data que se tornaria emblemática, traumática e simbólica para Ariano, João seguiu junto com o paraibano Caio Gusmão rumo ao Palácio Tiradentes, sede da Câmara Federal; “estava vestido de paletó de casimira cinza e sapatos pretos”. Enquanto ambos caminhavam pela Rua Riachuelo, João Suassuna foi atingido por um disparo de arma de fogo. O pai de Ariano ainda tentou sacar um revólver “colt”, que levava consigo como precaução; porém, caiu já morto no chão, com um único disparo. O jornal *Diário de Pernambuco* noticiava o fato:

O assassinato, hontem, no Rio, do deputado João Suassuna

RIO, 9 – Hoje, às 9 horas, quando o deputado João Suassuna descia do Novo Hotel Belo-Horizonte para a cidade, pela rua Riachuelo, em companhia de seu amigo farmacêutico Caio Gusmão, um desconhecido desfechou-lhe um tiro pelas costas, ferindo-o mortalmente. O deputado ainda sacou de um revólver, perseguindo o agressor, mas caíu sem vida poucos passos adiante. O seu companheiro nada pôde fazer em seu favor. O criminoso era um indivíduo de cor branca, estatura regular, corpulento e trajava terno de brim branco fino [...]. Populares chamaram a Assistência que nada pôde fazer por já encontrá-lo

cadáver. O criminoso evadiu-se. [...] o corpo será embalsamado, sendo o funeral custeado pelo governo (Diário de Pernambuco, 1930, p. 3).

Ao ser indagado sobre a notícia do assassinato de João Suassuna, em entrevista à *Cadernos de Literatura Brasileira*, Ariano Suassuna respondia:

Soube por terceiros. O criminoso se chamava Miguel Alves de Souza, era um pistoleiro. Meu pai estava saindo pela manhã. Com um amigo – Caio Gusmão -, do hotel onde se hospedava, na Rua Riachuelo, no Centro do Rio. Ia para uma sessão da Câmara. Miguel atirou pelas costas. Foi preso dois ou três dias depois, mas se livrou da cadeia em menos de um mês e foi para a Paraíba. Minha mãe denunciou o caso a Getúlio Vargas e o pistoleiro foi preso de novo e condenado em 1931. Pegou quatro anos, mas ganhou liberdade depois de cumprir metade da pena e voltou para o Rio. Quando soube que ele estava vivo, perguntei à minha mãe: “A sra. Dizia pra gente que o Miguel tinha morrido, por quê? Ela respondeu: “É verdade, meu filho, eu menti. Precisava tirar esse peso de vocês”. Pouco antes de morrer, minha mãe deu uma entrevista procurando inocentar o mandante. Eu tenho a impressão de que ela fez isso ainda temendo que a gente pudesse agir movido por um sentimento de vingança, de dívida de sangue (Suassuna, 2000, p. 29).

Pelo trecho, entende-se que a mãe de Ariano Suassuna, Rita de Cássia, temeu durante muito tempo que os filhos se envolvessem em novos conflitos, vingando a morte do pai. Uma parte disso se explica pelo conteúdo da mensagem deixada por João Suassuna em sua carta-testamento:

Se me tirassem a vida os parentes do presidente João Pessoa, saibam todos os nossos que foi clamorosa a injustiça, – eu não sou responsável, de qualquer forma, pela sua morte, nem de pessoa alguma neste mundo, e não alimentem, apesar disto, ideia ou sentimento de vingança contra ninguém. Recorram para Deus, para Deus sómente, e não se façam criminosos por minha causa! (A Noite, 1930, p. 2).

Questionado sobre a sua moral cristã e o sentimento de perdão – ao assassino do pai, no caso –, Ariano respondeu: “não foi fácil, para nenhum de nós, aceitar o assassinato do meu pai, mas minha mãe não queria que a gente se alimentasse de ódio” (Suassuna, 2000, p. 26). Ainda de acordo com o dramaturgo, o perdão seria um processo que ainda estava em curso, no entanto, a purificação trazida pela criação de *O Romance d’A Pedra do Reino*, um de seus principais romances, o ajudava consideravelmente no processo de redenção.

Pedra angular: uma vida em monumento ao pai

*Toda criança tem um herói. O meu, foi meu pai – Ariano Suassuna*¹⁰

Ariano Suassuna é famoso por seu teatro de fortes raízes populares. Conhecido também por seus emblemáticos João Grilo e Quaderna, personagens que “parecem ser criadas com o intuito de se auto martirizar” (Última hora, 1963, p. 6). “Dor é coisa que não se escolhe quando começa nem quando é hora de ir embora” (Correio Braziliense, 1976, p. 6), afirmava o romancista e dramaturgo ao lembrar da tragédia de 1930. Muitos anos depois da morte de seu pai, a dor de Ariano não havia passado; o choro sempre foi companhia quando João Suassuna era o assunto. No testemunho concedido ao documentário dirigido por Douglas Machado (2001), chamado de “O Sertão mundo de Ariano Suassuna”, a escritora Rachel de Queiroz observa que a personalidade do paraibano como escritor se formou e se desenvolveu muito pela tragédia de 1930:

“[...] como que tocou (a morte do pai) as fibras mais importantes do coração dele. É difícil a gente dizer, porque o escritor sublima as coisas [...], o pai dele morreu assassinado; ele vai pintar, não pinta o pai sendo assassinado, mas o pai assassinado tá ali. De forma que essa tragédia da família do Ariano deve ter refletido muito na literatura dele, nos livros. Nos livros, ele é ele; mas ele é também fruto de todo o ambiente onde ele se criou e do qual foi vítima (Queiroz, 2001).

Ariano Suassuna muito recebeu do genitor, em influências principalmente. A biblioteca de João Suassuna, por exemplo, tornou-se muito importante para a sua formação. Foi nos exemplares deixados por ele que Ariano leu pela primeira vez os livros de Eça de Queiroz, principalmente *O Mandarim* (1880), *A relíquia* (1887), *A Ilustre casa de Ramires* (1900) e *A cidade e as serras* (1901). Leu pela primeira vez também *Os Sertões* (1902), de Euclides da Cunha, em exemplar que pertenceu ao pai, *A Carne* (1888), de Júlio Ribeiro, e *O Cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo. Em diversos momentos, Ariano Suassuna também se orgulha do pai por ter sido um defensor e amante da cultura popular: João Suassuna “escandalizou uma porção de gente porque costumava levar para o Palácio cantadores, músicos populares etc” (Suassuna, 1973). O pai de Ariano mostrou ser ainda um exímio colecionador de folhetos de cordel, colaborando com João Dantas na coletânea de cordel organizada por Leonardo Motta, *Violeiros do Norte*, publicada pela Cia. Graphico-Editora Monteiro Lobato, em 1925. A influência do romanceiro popular, ou

¹⁰ Possível de ser visto em: Correio Braziliense. Brasília, domingo, 18 de julho de 1976. n. 4942. Edição de Hoje: 2 cardemos, 64 páginas, p. 06, Segundo Caderno.

literatura de cordel, será imprescindíveis na reelaboração de temas e personagens nas obras de Ariano Suassuna, como *Auto da Compadecida* e *O Romance d'A Pedra do Reino*, para citar algumas.

Ariano Suassuna, fortemente inspirado pelo pai João, possuía uma interpretação sobre o Brasil bastante dicotômica. Segundo ele, existe o Brasil oficial, o país como centro da civilização cosmopolita e falsificada; e o Brasil real, como emblema bruto e poderoso do sertão. Tal ideia polarizada é um discurso originalmente elaborado por Machado de Assis, ganhando ressonância nas declarações de Ariano.¹¹ Na concepção da revista *Hoblicua*, opondo ao civitismo, Ariano compartilhava do mesmo ideal de Euclides da Cunha, julgando o Brasil verdadeiro como sendo somente o “Brasil do Sertão”. Depois de duros exames de consciência é que o paraibano entendeu que “os dois brasis” são reais e precisam ser entendidos: “descobri que, para ser fiel aos dois, eu não deveria me limitar a repeti-los: tinha era que empunhar sua chama e tentar levá-los adiante. O Brasil real teria, na verdade, não um, mas dois emblemas” (Hoblicua, 2015, p. 68).

Como foi destacado, em 9 de outubro de 1930, quando Ariano Suassuna contava apenas com três anos de idade, seu pai, então deputado federal, é assassinado no Rio de Janeiro, vítima das cruéis lutas políticas que açoiaram a Paraíba. É no sertão da Paraíba, inclusive, que Ariano passa boa parte da infância, primeiro na fazenda *Acauhan*, depois no município de Taperoá. A partir de 1942, sua família fixa-se no Recife, onde o dramaturgo iniciará a sua vida literária com a publicação do poema “Noturno”, a 7 de outubro de 1945.

Pedro Dinis Quaderna¹² e Ariano Suassuna compartilham muitas semelhanças, sendo o personagem da obra já considerado como uma personificação dos ideais e das angústias do dramaturgo de Taperoá. Quando perguntado pela Edição Número 10 da *Cadernos*, a respeito de *A Pedra do Reino* funcionar como uma expiação para a trágica morte do seu pai, João Suassuna, Ariano refletia:

Ariano Suassuna: Vou explicar para vocês a gênese d'A Pedra do Reino. No início dos anos 50, eu tentei primeiro escrever uma biografia do meu pai que se chamaria Vida do presidente Suassuna, cavaleiro sertanejo. Eu tinha esse projeto, mas não consegui escrever. Era uma carga de sofrimento muito

¹¹ “O país real, esse é bom, revela os melhores instintos; mas o país oficial, esse é caricato e burlesco” – Machado de Assis. Revista *Prosa Verso e Arte*. 25 de maio de 2017. Disponível em: https://www.revistaprosaversoarte.com/o-pais-real-esse-e-bom-revela-os-melhores-instintos-mas-o-pais-oficial-esse-e-caricato-e-burlesco-machado-de-assis/#goog_rewarded. Acesso em: 15 out. 2024.

¹² Personagem principal da obra *O Romance d'A Pedra do Reino* (1971).

grande. Tentei outro gênero, que era um pouco mais distanciado a poesia. Tentei escrever um poema longo chamado "Cantar do potro castanho". Isso foi por volta de 1954. Não consegui também. Aí eu disse: deixa isso pra lá, não vou bulir com isso mais não. Então, em 1958, comecei a tomar notas para um romance longo, que era A Pedra do Reino. Fiz mais de uma versão d'A Pedra (Cadernos de Literatura Brasileira, 2000, p. 27).

Nessa mesma entrevista, Ariano observa que ao passar uma das versões do romance para a irmã Germana, recebera a seguinte devolutiva: “Ariano, você já notou que a morte do padrinho de Quaderna é a morte de João Dantas”? (Cadernos de Literatura Brasileira, 2000, p. 27-28). Ao que o teatrólogo devolve: “Depois que Germana me falou aquilo, eu acentuei os detalhes para aproximar as duas mortes e fiz essa versão que vocês conhecem” (Cadernos de Literatura Brasileira, 2000, p. 27).

A morte do pai, quase impossível de ser esquecida, irá percorrer toda a vida de Ariano Suassuna, causando um trauma profundo na vida do escritor e definindo muito de sua trajetória. Segundo Jeanne Marie Gagnebin, o trauma “é a ferida aberta na alma, ou no corpo, por acontecimentos violentos, recalçados ou não, mas que não conseguem ser elaborados simbolicamente, em particular sob a forma de palavra, pelo sujeito” (Gagnebin, 2006, p. 96). Marcado fortemente pelo assassinato do pai, que morreu defendendo os valores tradicionais, Ariano Suassuna transformará e ressignificará a experiência traumática, demarcando historicamente sua defesa ferrenha das tradições, passando a ver ações cruéis e violentas no moderno. Nas palavras do teatrólogo pernambucano Hermilo Borba Filho, Ariano passar a ter horror aos aparelhos modernos – enceradeira, vitrola, televisão, rádio, telefone – “considerando-os coisas do demônio” (Cadernos de Literatura Brasileira, 2000, p. 96).

Hermilo ainda acrescenta sobre o paraibano: “Não vai a reuniões oficiais, jantares, coquetéis, espetáculos, mas amanhece o dia num bate-papo ou ouvindo repentistas. Tem pavor de avião e se martiriza com uma alergia que lhe dá comichões no nariz” (Cadernos de Literatura Brasileira, 2000, p. 96). Jeanne Marie Gagnebin (2006, p. 89) observa que é próprio da experiência traumática essa impossibilidade do esquecimento, essa insistência na repetição. Assim, em casos traumáticos de perdas, sofrimentos, o seu esforço consiste em tentar dizer o indizível, numa tentativa de elaboração simbólica do trauma que permite continuar a viver e, simultaneamente, numa atitude de testemunha de algo que não podia nem devia ser apagado da memória e da consciência da humanidade (Gagnebin, 2006, p. 89).

Afirmava Ariano à *Cadernos de Literatura Brasileira*: “Eu era uma criança quando abri os olhos e vi que meu pai tinha sido assassinado”. Explicando ainda os motivos de sua aversão ao moderno¹³, o paraibano enfatiza as conexões entre a Revolução de 1930 e a morte do pai:

Anos depois, eu pegava os jornais e lia que a Revolução de 30 tinha sido uma luta do Brasil arcaico, rural, representado pelo lado do meu pai, contra o Brasil moderno, urbano, representado pelo João Pessoa. Ou seja: o lado mau, o lado ruim, contra o lado bom – e meu pai, dentro dessa ideia, era o mal (*Cadernos de Literatura Brasileira*, 2000, p. 40).

De acordo com Ariano Suassuna, a invasão então de Princesa pela polícia paraibana se transformou na invasão de Canudos pelos republicanos: “aí eu pensei: preciso reagir, tomar a posição contrária; o urbano é que é ruim, e não o rural”. Stuart Hall (2019, p. 12) observa tais comportamentos em sujeitos que compõem as chamadas “sociedades modernas e as tradicionais”. Para ele, as sociedades e os sujeitos modernos, por definição, sujeitos e sociedades de mudanças, estão sempre em constante, rápida e permanente transformação. O autor argumenta que nas ditas sociedades tradicionais “o passado é venerado e os símbolos são valorizados porque contêm e perpetuam a experiência das gerações” (Hall, 2019, p. 12). Deste modo, a tradição é um meio de lidar com o tempo e o espaço, inserindo qualquer atividade ou experiência na continuidade do passado, presente e futuro, onde, por sua vez, são estruturados por práticas recorrentes (Hall, 2019, p. 12-13). Em Ariano Suassuna, um sujeito que está em constante contemplação do tradicional, o moderno se torna agressivo e uma constante lembrança do episódio traumático do pai. Ser tradicional parece ser uma atitude de fidelidade e preservação dos valores de João Suassuna.

Essa briga ferrenha contra o moderno, assim como a vontade e esforço hercúleos de recuperação e valorização da cultura popular nordestina, são gestações dolorosas dessa camada viva e lacerante que delinea muito da trajetória do acadêmico paraibano. Indagado se *O Romance d’A Pedra do Reino* seria uma espécie de vingança da parte de

¹³ Essa hipótese da “aversão ao moderno” é amparada no relato de Eduardo Dimitrov, na obra “O Brasil dos espertos”. Para Dimitrov, Ariano se recusava a andar de avião e odiava computadores (Dimitrov, 2011, p. 17). Segundo ainda Ariano, em entrevista concedida para o Tribunal Superior do Trabalho, o autor faz declarações sobre a aversão que sentia às guitarras elétricas (citando o guitarrista Chimbinha da Banda *Calypso*), e a nomes como Michael Jackson, Lady Gaga. Cf. Tribunal Superior do Trabalho. Aula Espetáculo de Ariano Suassuna no TST. Youtube, 09 de maio de 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8ieVa2tVPac>. Acesso em: 12 dez. 2023.

Ariano, o paraibano respondia que se tratava mais de uma espécie de recuperação: “por isso eu acho o nome *Pedra* muito importante. É como se eu encaixasse uma pedra angular para erguer um monumento ao meu pai” (Cadernos de Literatura Brasileira, 2000, p. 29). A aproximação entre autor e obra, em Ariano, é tão estreita que chega a ser difícil separar sem confundir as partes emaranhadas. Segundo Idelette Muzart (2000), tempo e obra no complexo Ariano Suassuna são momentos privilegiados em que o homem e o artista escolhem novas vias ou confirmam a direção já trilhada. Dessa forma, entre as constantes que guiaram a vida e a obra de Ariano Suassuna estão a busca da poética popular como modelo de criação e “a consciência do seu engajamento em prol da cultura brasileira” (Cadernos de Literatura Brasileira, 2000, p. 96).

O dia 09 de outubro, data correspondente ao fatídico assassinato de João Suassuna, carrega traços simbólicos para Ariano, sendo o número nove uma permanência na vida do autor. Quando se comemorava trinta anos da redação do *Romance d’A Pedra do Reino* – ano em que lançou o Movimento Armorial¹⁴, no Recife, e setenta anos da Revolução de 1930 – a revista *Cadernos de Literatura Brasileira* indagou: “como o senhor vê o encadeamento desses fatos que marcaram tão fortemente a sua vida e a sua obra?” Ariano responde:

Bem, em certos pontos podem ser coincidências, mas em outros não. Se você for olhar, vai ver que eu concluí o *Romance d’A Pedra do Reino* no dia 09 de outubro, data da morte do meu pai. Eu fiz questão de terminar no dia 09 de outubro de 1970, quando estavam se completando 40 anos do assassinato dele. Foi uma forma de homenagem. Já o Movimento Armorial era para ser lançado também no dia 09 de outubro, só que houve um impedimento da orquestra e fomos obrigados a adiar para o dia 18 (Cadernos de Literatura Brasileira, 2000, p. 29).

Em seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras (ABL), Ariano destacava que, ainda menino, chegara a arbitrária convicção de que, a 09 de outubro de 1930, ele fora escolhido para ocupar, na vida, uma cadeira cujo fundador, o seu pai João Suassuna, escolhera Euclides da Cunha como seu Patrono: “este foi um dos motivos mais poderosos entre os que me fizeram aspirar à honra de sentar-me aqui, ao lado de todos” (Newton Júnior, 2008, p. 234). Segundo observa Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2019, p. 249), a figura-símbolo do pai vai se tornando um ponto inaugural, um marco

¹⁴ O texto fala da redação da obra. O *Romance d’A Pedra do Reino* foi publicado em 1971. O Movimento Armorial foi uma iniciativa estética criada por Ariano Suassuna. O Movimento pretendia criar uma arte erudita por meio de raízes populares. A iniciativa foi inaugurada no dia 18 de outubro de 1970.

“zero da história”. Em lugar do nome da história, surge quase de forma violenta o nome do pai: “aquele que é a lei, a primeira experiência de justiça, aquele que ao dizer não corta qualquer fluxo, barra qualquer fuga, dá estabilidade” (Albuquerque Júnior, 2019, p. 249). Conforme observa Eduardo Dimitrov (2011, p. 20), a memória do pai fazia com que Ariano Suassuna falasse muito sobre João Suassuna em artigos, entrevistas e palestras. O dramaturgo afirma, por exemplo, que o pai João era um amante de cantorias e que passava horas em meio aos funcionários de suas fazendas escutando os cantadores. Ariano também conta que João Suassuna adorava passar a noite com o “povo” das fazendas, ouvindo histórias e desafios (Dimitrov, 2011, p. 20).

Em sua coluna “Almanaque Armorial”, para a *Folha de São Paulo Ilustrada*, Ariano afirmou que, na década de 1950, havia tentado escrever uma biografia para o pai, chamada *Vida do Presidente Suassuna, Cavaleiro Sertanejo*: “Chamei-a assim porque sempre vi Suassuna como um Rei e Cavaleiro: [...] ele tinha três Cavalos de sela, todos com nomes de Cangaceiros do grupo de Lampião [...]” (Suassuna, 2000). O dramaturgo não conseguiu escrever o livro por causa da carga de sofrimento que o pai o acarretava. Ariano ainda observa:

Mas hoje, velho e mais sereno, vou ver se, a partir da figura de meu Pai, consigo dar aqui pelo menos uma idéia do que significa para mim ser, depois do Patrono, o terceiro ocupante da Cadeira n° 35 da Academia Paraibana de Letras. Escolhi o dia 9 de Outubro de 2000 para tomar posse dela porque hoje faz exatamente 70 anos que meu Pai, João Suassuna, aos 44 anos de idade, foi assassinado, no Rio de Janeiro, com um tiro que um pistoleiro, para isso contratado, lhe desfechou pelas costas (Folha de São Paulo Ilustrada, 09 de outubro de 2000).

Foi de João Suassuna que o paraibano e autor de *Auto da Compadecida* herdou, entre outras coisas, o amor pelo sertão, principalmente o da Paraíba, a admiração por Euclides da Cunha, e o sacerdócio de preservar as raízes tradicionais e populares da cultura brasileira: “Posso dizer que, como escritor, eu sou, de certa forma, aquele mesmo menino que, perdendo o pai assassinado no dia 9 de outubro de 1930, passou o resto da vida tentando protestar contra sua morte através do que faço e do que escrevo” (Newton Júnior, 2008, p. 237).

Considerações finais

O *Jornal da União*, em sua edição especial (caderno 01), trazia em uma de suas páginas a memória da morte de João Suassuna. A matéria de Ricardo Farias dizia que uma das cenas familiares mais marcantes para Ariano Suassuna era o embarque de seu pai no Cais do Porto, em Recife, com destino ao Rio de Janeiro, em 1930. Ariano constava com três anos de idade e fora com a mãe à capital pernambucana para as despedidas ao deputado e ex-presidente da Paraíba. Foi a última vez que Ariano viu o pai. Ricardo Farias, no entanto, observa: “mas a presença de João Suassuna ainda é tão nítida em sua vida que é possível considerar a metáfora: o menino ainda está naquele porto com um pai zeloso a lhe fazer mimos” (A União, 2013, p. 03).

Memória traumática de um Pai-Suassuna assassinado em 1930, em um contexto histórico de incisivas disputas políticas; a memória de um genitor que inspirou a inserção de toda uma vida literária debruçada sobre os clássicos; a lembrança de um ex-governador que defendia os valores antigos, deixando as marcas mais afiadas de um passado tradicional. Um pai afetuoso e atento, que teve a vida ceifada com violência, deixando esposa e filhos sozinhos: “[...] Ah! Que esforço fiz para não chorar e demonstrar [...] como me ficava o coração naquele abraço, talvez o último neste mundo, em que os deixo [...] expostos a verdadeiros martírios, numa época em que é incerto [...] o futuro da pátria brasileira” (A Noite, 1930, p. 02). Todas essas memórias perseguiram a vida de Ariano Suassuna. As mais diversas esferas da trajetória desse personagem multimidiático foram afetadas pela memória e perda do pai. Tudo em Ariano parece percorrer João Suassuna. A vida acadêmica, a vida cultural, as datas simbólicas, a vida literária, o teatro, os engajamentos políticos, o Movimento Armorial, a defesa ferrenha do Nordeste, os desejos, as repulsas pelo moderno, a adesão quase obsessiva pelo tradicional. Todo esse estrato, toda essa lembrança saudosa e traumática foi, aos poucos, sedimentando-se no interior de Ariano Suassuna, transformando-o e moldando-o.

Para Eduardo Dimitrov (2011), a história dos Suassuna cola-se à história da Paraíba de 1930: “A história vira memória e mito” (Dimitrov, 2011, p. 53). Segundo Carlos Newton Júnior (1999), a morte de João Suassuna é a quebra da ordem no mundo do poeta Ariano; o grave acontecimento propicia no dramaturgo a passagem da felicidade para a desdita, de um mundo generoso para um mundo cruel, de um pasto verde para um pasto incendiado. Toda a visão de exílio, presente na poesia de Suassuna, também se origina dessa lembrança de um “rei assassinado”. O sentimento do exílio nada mais é do que uma expressão da visão trágica do mundo (Newton Júnior, 1999, p. 189).

No ano de 2013, (re)afirmava Ariano Suassuna em tom meio triste ao jornal *A União*: “Você não tem ideia de quanto meu pai é importante em minha vida”. O paraibano e dramaturgo confirmava uma presença paterna repleta de referências e inspirações; uma figura quase lendária em sua vida, que transcendia mesmo o aspecto meramente físico. Presença e memória em tudo. João Suassuna se transfiguraria em constante e contínua lembrança; recordação de amor e de dor, de alegria e de perda. Um pai para sempre transformado em *pedra angular* e *Pedra do Reino* de sua memória.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. A gente é cria de frases: sobre história e biografia. **Maracanan**. v. VIII – n. 8 – jan./dez. 2012.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História**: a arte de inventar o passado (ensaios de teoria da história). Curitiba: Editora Appris, 2019.

CÉSAR, Ana Maria. **Três homens chamados João**: uma tragédia em 1930. Recife: Cepe, 2020.

COUTINHO, Natércia Suassuna Dutra Ribeiro. **João Suassuna o Presidente**. João Pessoa: Sal da Terra, 2006.

DIMITROV, Eduardo. **O Brasil dos espertos**: uma análise da construção social de Ariano Suassuna como criador e criatura. São Paulo: Almeida, 2011.

FLORES, Moacyr. **Dicionário de História do Brasil**. 4 ed. Ampliada e atualizada. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar, escrever, esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12.ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019.

LINS, Juliana. VICTOR, Adriana. **Ariano Suassuna**: um perfil biográfico. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

MAIOR, Blenda Souto; TAVARES, Carlos. A sete chaves. **Correio Braziliense**. Diversão & Arte. Brasília, quarta-feira, 2 nov. 2011, p. 05.

MELLO E SOUZA, Laura de. **Desclassificados do ouro**: a pobreza mineira no século XVIII. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982.

MEDEIROS, Rostand. **O pai de Ariano Suassuna** – quem foi João Suassuna, como se deu a sua morte e como este fato influenciou a vida e a obra do seu filho Ariano. *Tok de História*, 23 de março de 2022. Disponível em: <https://tokdehistoria.com.br/2022/03/23/o-pai-de-ariano-suassuna-quem-foi-joao->

[suassuna-como-se-deu-a-sua-morte-e-como-este-fato-influenciou-a-vida-e-a-obra-do-seu-filho-ariano/](#). Acesso em: 15 jul. 2023.

NEWTON JÚNIOR, Carlos. **Almanaque Armorial**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

NEWTON JÚNIOR, Carlos. **O pai, o exílio e o reino**. Pernambuco: Editora da Universidade Federal de Pernambuco, 1999.

NUNES, Marcos Cavalcanti de Albuquerque José. **João Suassuna: um magistrado que governou a Paraíba**. João Pessoa (PB): 2015.

SUASSUNA, Ariano. Um discurso acadêmico. **Almanaque Armorial. Folha de São Paulo Ilustrada**. São Paulo, segunda-feira, 09 de outubro de 2000.

SUASSUNA, Ariano. **Cadernos de literatura brasileira: Nº 10**, nov. de 2000, Instituto Moreira Salles.

SUASSUNA, Ariano. Um discurso acadêmico. **Almanaque Armorial. Folha de São Paulo Ilustrada**. São Paulo, 09 de outubro de 2000. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0910200018.htm>. Acesso em: 14 dez. 2023.

SUASSUNA, Ariano. **Almanaque armorial**. Carlos Newton Júnior (seleção organização e prefácio). **Almanaque Armorial**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

MACHADO, Douglas. CLAUDINO, João Marcello de Macêdo. Discurso de posse na Academia Brasileira de Letras. **Hoblicua: especial Ariano Suassuna**. n.02, pedra armorial, Teresina, Piauí, 2015, p. 53- 71.

PORPINO, Gustavo. SANTOS, Racine. Resistência da cultura nordestina é espantosa. **Preá Revista de Cultura**. Natal, RN – Nº 14, setembro/outubro, 2005, p. 67-75.

SIMÕES, Ester Suassuna. Questões de morte, luto e herança em Vida Nova Brasileira, de Ariano Suassuna. **GARRAFA**. Vol. 16, n. 45, Julho-Setembro 2018.

MACHADO, Douglas. **O Sertão mundo de Ariano Suassuna**. Direção: Douglas Machado; Produção: Trincafilmes, em parceria com o Instituto Dom Barreto, 2001. DVD, (76 min).

ARAÚJO, Celso. ROSA, Maria. Ariano Suassuna: o quixote nordestino. **Correio Braziliense**. Brasília, domingo, 18 de julho de 1976. Número 4942. Edição de Hoje: 2 cardemos, 64 páginas.

O assassinato, ontem, no Rio, do deputado João Suassuna. **Diário de Pernambuco**. Ano 105, N. 6234, Recife – Pernambuco, sexta-feira, 10 de outubro de 1930, p. 03.

Ainda o assassinato de João Suassuna: a carta que o deputado parahybano deixou á sua esposa. **A Noite**. Rio de Janeiro, ano XX, N. 6792, sábado, 11 de outubro de 1930, p. 02.

FARIAS, Ricardo. Morte de João Suassuna: “meu pai escapou de uma primeira emboscada”, diz Ariano. **A União**: edição especial: caderno 01. João Pessoa, paraíba – sábado, 2 de fevereiro de 2013, p. 03.

KREIMER, Samuel. Bem rápidas. **Última Hora**. Bem rápidas. Sábado, 20 de abril de 1963, p. 06.

Recebido em: 29/01/2024.

Aprovado para publicação em: 15/10/2024.